

## UMA ABORDAGEM DO ETHOS MILITAR: AS DIFERENTES VISÕES SOBRE OS VALORES CASTRENSES.

FABIO DA SILVA PEREIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo objetiva verificar possíveis mudanças na maneira de ser e de pensar dos militares formados pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) na década de 1990. Para isso, a pesquisa conta com o acesso a entrevistas, documentos internos do Exército Brasileiro (EB), além da bibliografia disponível para a temática do ethos. Para isso, aborda a conceituação do ethos no discurso partindo da Retórica de Aristóteles e das contribuições teóricas de Dominique Maingueneau e Ruth Amossy. Como resultado, o Exército Brasileiro investiu tempo e recursos para adequar o oficial ao novo perfil desejável, onde algumas missões que não eram da responsabilidade exclusivamente militar, foram adicionadas. Assim, a boa imagem causada pela atitude desejável do cadete pode contribuir para causar a boa imagem da instituição perante a opinião pública, reforçada pela disciplina acadêmica e pelas ações institucionais de comunicação social.

**PalavrasChaves:** Ethos militar. Educação militar. Análise do discurso.

### ABSTRACT

The article aims to verify possible changes in the way of being and thinking of the military graduates of the Military Academy of Agulhas Negras (AMAN) in the 1990's. For this, the research has access to interviews, internal documents of the Brazilian Army (EB), besides the bibliography available for the ethos theme. To this end, it addresses the conceptualization of ethos in discourse based on Aristotle's Rhetoric and the theoretical contributions of Dominique Maingueneau and Ruth Amossy. As a result, the Brazilian Army has invested time and resources

1. Doutorando em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Atualmente é professor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

in adapting the officer to the new desirable profile, where some missions that were not solely military responsibility have been added. Thus, the good image caused by the desirable attitude of the cadet can contribute to the good image of the institution before the public opinion, reinforced by academic discipline and institutional communication actions social.

**Key words:** Military ethos. Military education. Speech analysis.

## INTRODUÇÃO

O estudo partiu das leituras das obras que tratam o ethos<sup>2</sup> a partir dos discursos e das práticas que tornam a instituição militar um órgão distinto em seu processo de formação dos oficiais da linha de ensino militar bélico<sup>3</sup> (LEMB). No que diz respeito à metodologia, o presente trabalho está baseado nas contribuições de José D' Assunção Barros (2013) e de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (2012), de acordo com as seguintes classificações: quanto ao tipo de pesquisa (ou objetivo), trata-se de uma pesquisa descritiva, e, no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, constitui-se num estudo de caso fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental.

Com a finalidade de traçar um histórico, a compreensão do conceito de ethos remonta à antiguidade clássica e as práticas de retórica por seu idealizador: Aristóteles. O filósofo e pensador grego trabalhou os dispositivos argumentativos que teve por finalidade apresentar um prisma cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos (MAINGUENEAU, 2019, p. 13). A prova pelo ethos consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, com a finalidade de proporcionar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança.

O conceito teórico do ethos não toca em sentidos considerados "palpáveis", ou concretos. No entanto, a experiência que une os indivíduos sob um contexto faz com que o termo receba um sentido. É esse, ao ser captado pelo orador, e ser exercitado o seu discurso através da escolha certa das palavras, da correta entonação destas, da orquestração dos gestos e

- 
2. Dada a repetição do termo ethos em todo o corpo do artigo, optou-se por não colocar em itálico ou qualquer outro recurso gráfico que proporcionasse destaque à palavra em si.
  3. Os oficiais da LEMB são formados pela Academia Militar das Agulhas Negras e consistem de sete especialidades: infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, intendência, comunicações e material bélico.

atitudes, pode conquistar a identidade de grupos inteiros. Nesse sentido, existem sempre alguns elementos contingentes num ato de comunicação, em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, mas que influenciam a construção dos *ethos* pelo público ouvinte. É, em última instância, uma decisão teórica: saber se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuírem poder às palavras, ou integrar-se a ele - e em quais proporções - elementos como as roupas do locutor, seus gestos e outros detalhes que montam um cenário próprio ao discurso que é desejável. Ou seja, o conjunto do quadro da comunicação para a formação da cosmovisão dos eventos.

O gradiente dos níveis de percepção é sensível e, dependendo do público-alvo, requer mais tempo entre os estágios de identificação entre os atos e a sua legitimidade perante um grupo. O antropólogo Geert Hofstede (2003) estudou a cultura de vários países, incluindo o Brasil nessa lista. No seu conceito de cultura, o termo é sempre um fenômeno coletivo, porque é pelo menos parcialmente compartilhada com pessoas que vivem ou viveram dentro do mesmo ambiente social, onde fora aprendido. A cultura consiste no "não escrito", nas regras do jogo social. É a programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria dos demais (HOFSTEDÉ, 2003, p. 15).

Em sua classificação, o país possui características de sociedades com altas distâncias do poder, baseado por ambientes de desigualdades acentuadas e de personalismo, com a distribuição de benefícios sem uma noção clara de mérito. Para o pesquisador Marco Túlio Zanini, os estudos de Hofstede apresentam uma série de indicadores que caracterizam a enorme distância entre a base e o topo da pirâmide institucional:

As pessoas com poder querem impressionar os demais; o poder baseia-se em laços pessoais e dívida moral; a forma de mudar o sistema é feito por meio da força ou carisma; revoluções e violência são comuns; há maior desigualdade de renda; as religiões e os sistemas filosóficos acentuam a desigualdade; as ideologias políticas reforçam a luta pelo poder (...). Essas sociedades podem estimular o surgimento de líderes carismáticos e tiranos, com uso ilimitado do poder (ZANINI, 2016, p. 134).

O problema é por demais delicado, posto que o *ethos*, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multissensoriais. A simples aparência ou o estudo das técnicas de oratória, contudo, não pode ser visto de modo simplório. Enfaticamente, não são traços "intradiscursivos" que ligam o orador ao seu discurso somente porque, como vimos, também intervêm, em sua elaboração, dados exteriores à fala propriamente dita. Logo, a prova pelo *ethos* mobiliza a tudo que, na enunciação discursiva, contribui para destinar a imagem do orador a um dado auditório. Tom de voz, determinado fluxo da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, trajés, o olhar, postura,

aparência – todos esses, enquanto signos, de elocução e de oratória, indumentários ou simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica (DECLERCQ, 1992, p. 48).

A enunciação presume, também, a experiência que une os indivíduos – orador e plateia – em um corpus bem sedimentado. Do contrário, a mensagem proferida ao grupo pode ser vista como um sofisma e, em consequência, toda a construção cairá em descrédito:

A noção de ethos remete a coisas muito diferentes conforme seja considerada do ponto de vista do locutor ou do destinatário: o ethos visado não é necessariamente o ethos produzido. Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo. Os fracassos em matéria de ethos são moeda corrente (MAINGUENEAU, 2019, p. 16).

O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades de identidade à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. O ponto essencial está quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé, persuadindo o pensamento hegemônico<sup>4</sup> pelo caráter<sup>5</sup> [= ethos]. De acordo com Auchlin (2001), o ethos não encobre somente a dimensão verbal, mas também para o conjunto de determinações físicas e psíquicas em uma posição empírica entre o discurso oral e escrito – demonstrada pelas representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”<sup>6</sup>, cujos graus de precisão variam segundo o discurso, os textos e imagens atrelados.

Além disso, o ethos dinamiza a maneira de se mover em um determinado espaço social, uma disciplina tática do comportamento humano (MAINGUENEAU, 2019, p.18).

- 
4. Dos teóricos que abordam o conceito de hegemonia, Antonio Gramsci apresenta uma noção mais elaborada e adequada para pensar as relações sociais, sem cair no materialismo vulgar e no idealismo encontrado na tradição. O pensador italiano destaca a importância de formar uma classe dirigente que se mantenha pelo consentimento das massas e não apenas pela força coercitiva. Ademais, sublinha a importância da direção cultural e ideológica (ALVES, 2010, p. 73).
  5. Segundo Auchlin, o “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Nos capítulos 12 a 17 do livro II, Aristóteles descreve os traços de caráter particulares dos homens em função de sua idade (juventude, maturidade, velhice) e de sua fortuna (na ordem em que se apresentam: a nobreza, a riqueza, o poder e a sorte). Aristóteles descreve, então, os diferentes traços que o orador pode encontrar em um auditório: cabe a ele escolher as diferentes paixões que deverá suscitar. Como a virtude não é considerada da mesma maneira em todos os lugares por todas as pessoas, é, em função de seu auditório, que o orador se construirá uma imagem, conforme o que é considerado virtude. A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo ethos que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um ethos característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está (MAINGUENEAU, 2019, p. 15).
  6. Para Auchlin, a “corporalidade” está associada a uma compleição física e a uma maneira de se vestir.

Segundo a autora, o destinatário a identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positivamente ou negativamente em estereótipos onde a enunciação do orador ou a palavra escrita contribui para uma reação. Nesse sentido, o ethos se elabora por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira as suas informações do material e do ambiente.

Encontramo-nos, portanto, na “Retórica” de Aristóteles, diante de dois campos semânticos opostos ligados ao termo ethos: o primeiro, de sentido moral, engloba atitudes e virtudes como honestidade, benevolência ou equidade; o segundo, de sentido neutro e objetivo, o qual reúne os hábitos, modos e costumes ou caráter (EGGS, 2018, p. 30). Antoine Auchlin traz do conceito aristotélico para o contexto prático:

A noção de ethos é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) Em nossa prática ordinária da fala, o ethos responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos coextensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção (AUCHLIN, 2001, p. 93)

Nesse escopo, a conquista da confiança envolve um emaranhado de artefatos que extrapolam a mera ação protagonista do discurso, da fala. Para o sociólogo alemão Niklas Luhmann (1980), o ato de confiar deriva de valores compartilhados. A vinculação, nessa perspectiva, atua de maneira similar à suspensão do puro desejo egoísta em favor de uma orientação para os interesses da coletividade. Assim, para Hofstede, as diferenças culturais se exteriorizam de várias maneiras. Dos muitos termos usados para descrever as manifestações

da cultura, os quatro seguintes juntos cobrem o conceito total de forma bastante nítida: símbolos, heróis, ritos e valores. Na figura a seguir, elas foram retratadas como as peles de uma cebola, indicando que a simbologia representam o mais superficial e valorizam as manifestações mais profundas da cultura, com rituais intermediários.

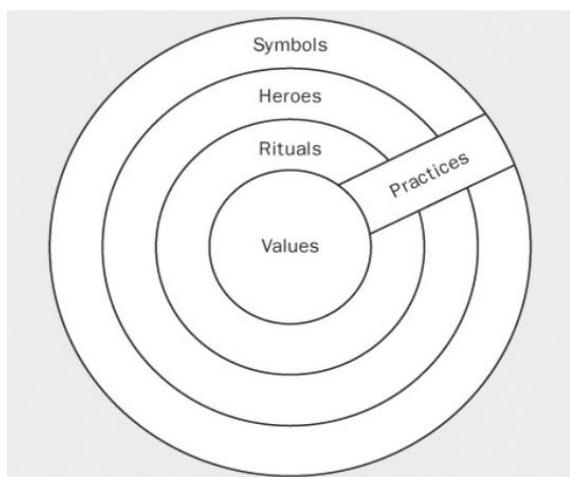


Figura 1 - A cultura como cascas de cebola - Modelo de Hofstede.  
Fonte: Hofstede (2003, p. 17).

Segundo Edgard Schein, a organização como um todo vivenciou experiências comuns, pode existir uma forte cultura organizacional que prevaleça sobre as subculturas das unidades. Ele atribui uma grande importância ao papel dos fundadores da organização no processo de moldar seus padrões culturais.

Os primeiros líderes, ao desenvolverem formas próprias de equacionar os problemas organizacionais, acabam por imprimir a sua visão de mundo aos demais e também a sua visão do papel que a organização deve desempenhar nesse ambiente. Para esse autor, não é possível compreender cultura sem o seu aspecto dinâmico, como é aprendida, passada para frente e transformada, o que faz entendê-la como um processo contínuo de formação e mudança que está presente em todos os aspectos da experiência humana (SCHEIN,1991). Dominique Maingueneau oferece mais detalhes:

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor. O ethos não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário. Para retomar uma fórmula de Gibert (século XVIII), que resume o triângulo da retórica antiga, "instrui-se pelos argumentos; comove-se pelas paixões; insinua-se pelas condutas": os "argumentos" correspondem ao logos, as "paixões" ao pathos, as "condutas" ao ethos. Compreende-se, assim, que na tradição retórica o ethos tenha sido frequentemente considerado com suspeição: apresentado como tão eficaz quanto o logos – às vezes até corno mais eficaz do que o logos, os argumentos propriamente ditos –, desconfia-se, inevitavelmente, que inverta a hierarquia moral entre o inteligível e o sensível, e também entre o ser e o parecer, uma vez que o orador pode mostrar no discurso um ethos mentiroso (MAINGUENEAU, 2019, p. 14).

Ainda, de acordo com Edgard Schein, a cultura de uma organização pode ser aprendida em vários níveis, de acordo com o quadro a seguir:

Nível	Descrição
Nível dos artefatos visíveis	Ambiente constituído da instituição, representado por sua arquitetura, sua tecnologia, seus comportamentos visíveis, seus manuais de instruções e procedimentos, a disposição das dependências internas, a comunicação social, as insígnias, as medalhas, os brevês e diplomas, entre outros adornos que apontam para a distinção do local e/ou da pessoa.

Nível dos valores compartilhados	Nesse nível, os artefatos revestem-se de seu signo, governando o comportamento das pessoas, por meio de seus códigos hierárquicos e os fundamentos para os julgamentos a respeito do que está certo e errado, ou seja, o código ético e moral do grupo. Está no nível intermediário, situado entre o consciente e o inconsciente, regulado por um conjunto de princípios estatutários (leis, decretos, manuais, regulamentos) que definem os artefatos.
Nível dos pressupostos básicos	É a parte mais profunda de uma cultura institucional. Paradigmas inconscientes e invisíveis, que determinam como os membros de um grupo percebem, pensam e sentem o mundo externo, a natureza da realidade, do tempo e do espaço, a natureza da atividade humana e das relações humanas. Nesse nível é percebido o espírito de corpo, onde as características mais proeminentes do ethos são percebidos.

Quadro 1. Termos técnicos e seus significados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Portanto, através da passagem por esses níveis, a cultura torna-se consistente por meio da história institucional, incluindo o depoimento dos heróis que a compõem, as solenidades de recompensas para o membro destaque, os mitos utilizados, os jornais internos que transmitem mensagens, normas, deveres e direitos dos membros (FREITAS, 1991). A utilização de artefatos determina uma estratégia para que os membros se adaptem à cultura vigente e suas mudanças, a fim de criar um mesmo modo de agir, pensar e sentir considerado como adequado pelos indivíduos. Os artefatos podem ser verbais, comportamentais e físicos. Os primeiros são os mitos, os heróis, os tabus e as histórias. Os comportamentais são os rituais e as cerimônias, e os físicos, as normas e símbolos (KILLMAN, 1988).

Os mitos, considerados artefatos verbais, relacionam-se com histórias fictícias, amparados na historiografia patriótica, onde fornecem dados consistentes com os valores organizacionais. São narrativas dramáticas de eventos imaginados, com o objetivo de explicar origens e transformações das coisas. Chanlat (1993) explica o mito como um fator relevante para a constituição das crenças, dos valores e das identidades organizacionais, podendo emanar de civilizações, modernas ou não. Isso tem por função explicar a conexão entre o saber e o agir,

ao passado e o presente, possibilitando a transformação da imaginação em rituais que se estabelecem entre os membros da organização. Dessa forma, a cultura da confiança baseia-se em um sistema de incentivos e valores compartilhados por normas e regras que assumem que os indivíduos em geral são confiáveis. (ZANINI, 2016, p. 71).educação civil e militar.

## 1. A FORMAÇÃO ÉTICA DOS OFICIAIS DA LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICO

O processo de socialização dos oficiais da LEMB inicia antes mesmo da entrada nos portões acadêmicos. Os rígidos processos seletivos estabelecidos em editais fazem a verificação da situação social dos candidatos, através da comprovação de não possuir antecedentes criminais no cadastro nacional de segurança pública. Uma vez aprovado no processo, o “ainda” candidato é submetido às noções básicas da cultura institucional durante o período de adaptação, de aproximadamente quinze dias<sup>7</sup>. Nesse período, são distribuídos os manuais, das quais destacam-se o Estatuto dos Militares<sup>8</sup> (BRASIL, 1980), o Regulamento Interno dos Serviços Gerais<sup>9</sup> (BRASIL, 2003) e o Regulamento Disciplinar do Exército<sup>10</sup> (BRASIL, 2002).

Além disso, o uso do uniforme e suas insígnias passam a figurar a rotina dos candidatos a aluno em uma escola militar, onde o uso do uniforme é avaliado pelos três documentos ora citados. No caso do aluno em um curso de formação da LEMB, as insígnias criadas revestem-se de uma atenção especial. Isto, porque alguns uniformes foram confeccionados especificamente para esse fim. No primeiro ano da AMAN, o então cadete<sup>11</sup> veste o uniforme histórico denominado de “Azulão”. Adicionalmente, na semana do soldado de agosto - data de nascimento de Luís Alves de Lima e Silva<sup>12</sup>), o cadete recebe o espadim, uma cópia reduzida da espada que o Duque de Caxias recebeu por seus serviços prestados ao

- 
7. Com exceção de alguns concursos esporádicos de ingresso imediato na AMAN (2004 e 2011), o ingresso na LEMB se dá por meio da entrada e aprovação na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). Nesse estabelecimento de ensino, o aluno aprende em um ano as noções básicas da profissão militar e faz contato com os integrantes da AMAN.
  8. O presente Estatuto regula a situação, obrigações, deveres, direitos e prerrogativas dos membros das Forças Armadas (BRASIL, 1980).
  9. O Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (R - 1 ou RISG) prescreve tudo quanto se relaciona com a vida interna e com os serviços gerais das unidades consideradas corpos de tropa, estabelecendo normas relativas às atribuições, às responsabilidades e ao exercício das funções de seus integrantes (BRASIL, 2016).
  10. O Regulamento Disciplinar do Exército (R-4) tem por finalidade especificar as transgressões disciplinares e estabelecer normas relativas a punições disciplinares, comportamento militar das praças, recursos e recompensas (BRASIL, 2002).
  11. O cadete, título de origem nobiliárquica e colocado em desuso no início do período republicano, ganhou novos contornos. Em 25 de agosto de 1931 foi criado pelo Coronel José Pessoa o “Corpo de Cadetes”, em cerimônia à qual estiveram presentes, entre outras autoridades, o Presidente da República Getúlio Vargas (CASTRO, 2002, p. 42).

reduzida da espada que o Duque de Caxias recebeu por seus serviços prestados ao Exército e ao Império do Brasil. Cabe destacar a atuação do Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque na mudança no perfil da carreira da LEMB. Segundo Celso Castro:

Com a criação do Corpo de Cadetes, o aluno matriculado na Escola passava a ser considerado parte de uma entidade coletiva [...]. O principal controle de que os novos preceitos disciplinares seriam seguidos deveria ser a consciência dos próprios cadetes, através da criação do que José Pessoa chamou, em sua autobiografia, de "um novo estado psicológico", que tornaria cada um "escravo da sua dignidade pessoal" [...]. Cada cadete era prisioneiro de si mesmo. E podemos afirmar, não havia prisão mais sólida. O objetivo principal era, portanto, atingir "a alma e o coração" dos jovens candidatos a oficial. Por isso, suas mais importantes iniciativas - e as mais duradouras - foram no plano simbólico [...]. Em primeiro lugar, os uniformes dos cadetes foram mudados [...]. Foi solicitado o auxílio do artista José Washt Rodrigues para criar o novo plano de uniformes. Adotaram-se uniformes militares do Império, principalmente da campanha de 1852 contra Rosas<sup>13</sup>: barretina, cordões com palmatórias e borlas, charlateiras de palma e palmatória escarlate e emblema simbólico para a cobertura. A cor predominante passava a ser turquesa. O elemento mais importante passava a ser o espadim (CASTRO, 2002, p. 42-43).

Além do próprio uniforme, a escolha do novo local - a cidade de Resende - reveste-se, também do seu simbolismo, pois o pico das Agulhas Negras (ao fundo da construção, comentário nosso), tido como o pico mais alto do Brasil na década de 1930, era visto como um símbolo da unidade estrutural do Brasil (CASTRO, 2002, p. 44).

Em consequência da atenção dada à criação de novos dispositivos e artefatos, o cadete passou a receber um tratamento mais rígido e sob um controle mais fechado. O sociólogo Erwin Goffman<sup>14</sup> afirma que a influência recíproca que os parceiros exercem sobre as suas ações respectivas quando estão em presenças físicas uns dos outros. Na educação

- 
12. Luís Alves de Lima e Silva - o Duque de Caxias - é o patrono do Exército Brasileiro. Nascido em 25 de agosto de 1803, essa data é comemorada todos os anos como o dia do Soldado, acompanhada de ritos específicos como formaturas militares, a cerimônia do juramento à bandeira nacional e o compromisso do espadim para os cadetes do primeiro ano da AMAN.
  13. Juan Manuel de Rosas governou a Confederação Argentina entre 1835 e 1852, sendo derrotado pelas tropas lideradas por Caxias na Batalha de Monte Caseros (em território argentino) em 3 de fevereiro de 1852. Esse foi o único fato histórico em que as principais potências do continente sul-americano (Argentina e Brasil) se enfrentaram militarmente e seu resultado influenciou na escolha do uniforme dos cadetes da AMAN.
  14. No caso das instituições totais descritas por Erwin Goffman (1971), relacionada à vida fechada e com horários definidos desde a hora de acordar - a "alvorada" - até a hora de dormir - também chamado de "silêncio" muito comum nas escolas de formação militar, em particular na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e suas congêneres das outras Forças armadas, onde "todas as fases das atividades diárias são programadas dentro de linhas estreitas, uma atividade conduzindo no tempo predisposto para a próxima" (GOFFMAN, 1971, p. 305).

as suas ações respectivas quando estão em presenças físicas uns dos outros. Na educação militar, ocorre o processo de socialização mais intenso e longo de toda a formação técnica e superior. O regime de internato, com mais de 10000<sup>15</sup> (dez mil) horas de aula ou instrução de disciplinas profissionais, é dividido por meio de manobras militares e exercícios de campo. Este é um longo período, porque ocorre em, no mínimo, cinco anos ininterruptos, em um sistema de isolamento comparado com uma “bolha” ou “um mundo à parte” (CASTRO, 1990).

O código de honra do cadete inicializa o militar no desenvolvimento de quatro deveres fundamentais: a verdade, a lealdade, a probidade e a responsabilidade (BRASIL, 2014, p. 24). Porém o Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército - Valores, Deveres e Ética Militares (BRASIL, 2002a) lista e categoriza somente dois desses quatro deveres (lealdade e probidade). A verdade e a responsabilidade estão inseridas no plano da ética militar, mas não possui uma definição institucional específica. Além desses deveres, o Vade-Mécum possui outros enunciados que carecem de significado objetivo, conforme a figura abaixo:

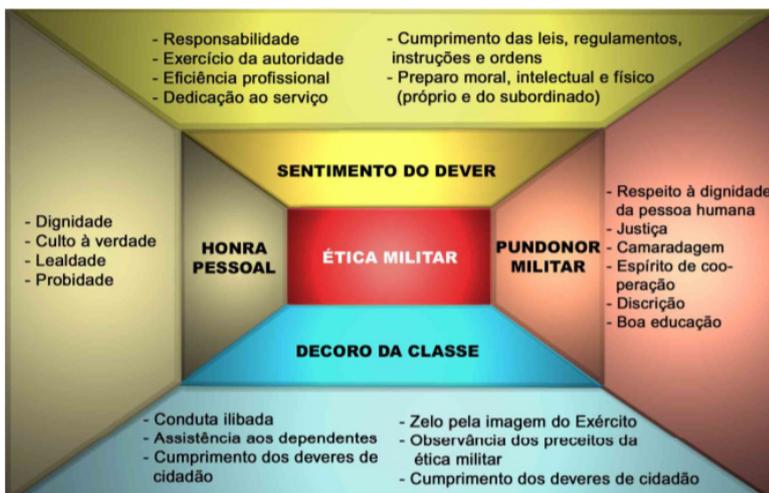


Figura 2 - Diagrama sobre a Ética Militar  
Fonte: BRASIL (2002a. p. 10).

Os deveres adicionais listados nesse documento são o resultado da mudança gradual no perfil de militar desejável para atender às políticas públicas sob o contexto democrático. Esse processo culminou com a criação do Grupo de Trabalho para a Modernização do Ensino no EB (GTEME), de acordo com Portaria nº 26, de 6 de setembro de 1995.

Isso foi um importante passo no pensamento militar, porque por um lado representou o cerne da mudança doutrinária voltado para as ações que estavam acontecendo naquele momento em todo o mundo, aplicando gradativamente os conceitos das “Ações Subsidiárias” às escolas militares por meio de alterações curriculares. Por outro lado, a equipe trabalhava no sentido de buscar autonomia na legislação do ensino castrense, caminhando na contramão da integração da

15. Currículo da Academia Militar das Agulhas Negras (BRASIL, 2016)

16. As Ações Subsidiárias, assim como eram chamadas naquela década de 1990, eram as novas missões que estavam sendo conferidas aos militares no cenário mundial após a década de 1980, como o combate ao narcotráfico e ao crime organizado, as missões de paz da ONU e as ações de cunho humanitário.

educação civil e militar. Em consequência disso, as leis de ensino militares<sup>17</sup> foram aprovadas alguns anos depois, concedendo autoridade educacional para as três forças militares (PEREIRA, 2016, p. 49). Em entrevista, o ex-ministro do Exército Gleuber Vieira apontou a motivação das mudanças:

Inicialmente, é necessário entender como modernização do Sistema de Ensino do Exército, o processo contínuo de adoção de novo enfoque pedagógico. Segundo esse modelo que se quer adotar, a escola já não pretende ensinar tudo. Seleciona um núcleo de conhecimentos básicos para ministrar a seus alunos. Esses devem participar ativamente do processo ensino aprendizagem, experimentando, pesquisando e trabalhando em grupo, explorando a dúvida e o erro, manifestando seus talentos, usando das técnicas disponíveis na busca e seleção do conhecimento que constroem. Busca-se o sentido holístico da educação do militar, para que ele se capacite a manipular modelos e interaja com a sociedade a que pertence. Deve ser flexível e adaptável às novas gerações de tecnologias. (VIEIRA, 1999, p. 5-6, negrito feito pelo autor).

Esse conceito adaptável ao processo educacional permitiu inserir os deveres que antes não estavam listados no Estatuto dos Militares. Na lei de 1980 estão listados somente os valores e os princípios da ética militar, carecendo, dessa forma, dos dispositivos em forma legal para a definição e o exercício das regras. No entanto, as inserções regulamentares prestaram-se a preencher essa lacuna, dotando o cadete de novas regras a serem seguidas. Para amalgamar essas inserções, a figura do herói, construído a partir da historiografia patriótica contribui para a formação de uma identidade coletiva. A enunciação dos valores e deveres militares inspirados em Caxias - reconhecido pelos historiadores por suas atitudes leais ao poder vigente - possuem um papel marcante dentro da instituição castrense. Isso, porque o herói orienta os atores institucionais na formação de uma identidade marcante e vitoriosa. Para Deal e Kennedy (1982) os heróis nem sempre possuem uma personalidade fácil de lidar, mas eles direcionam o comportamento dos indivíduos tornando real a possibilidade de crescimento institucional.

Eis que a noção de ethos permite, então, “refletir o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento” (MAINGUENEAU, 2008, p. 64). Everton Santos afirma que “uma instituição reflete, por meio de seus ritos, seus mais profundos valores, o mais íntimo do seu ethos, seu espírito e sua essência” (SANTOS, 2012, p. 81). Como é próprio do

---

17. Lei de Ensino da Marinha - Lei nº 11.279, de 9 de fevereiro de 2006; Lei de Ensino do Exército - Lei nº 9.786, de 8 de fevereiro de 1999; e Lei de Ensino da Aeronáutica - Lei nº 12.464, de 4 de agosto de 2011.

mundo social, isto é, tornando-as mais nítidas (DAMATTA, 1997, p. 76-77). As necessidades da disciplina nas instituições castrenses revestem-se de importância quando prestamos atenção na sua função weberiana da administração da violência. A educação profissional militar trabalha com armamentos e equipamentos voltados para a arte da guerra, dentro dos princípios constitucionais e conforme a legislação em vigor. Nesse aspecto, o controle exercido pelo Estado sobre o jovem que está no processo de formação é mais intenso e voltado para o viés das atitudes tomadas dentro de determinado ambiente operacional. Assim, a intensidade tem relação com os dois pressupostos básicos na instituição militar: a hierarquia e a disciplina.

O primeiro pressuposto busca selecionar e posicionar os corpos dentro de uma cadeia hierárquica facilmente identificável por meio da enunciação dos postos e das graduações, em que se sabe com precisão “quem deve vigiar” e “quem deve punir”. Nesse ponto, o segundo pressuposto - a disciplina - transcorre como elemento central de manutenção dessa hierarquia, pois se encarrega de docilizar esses corpos, moldando os comportamentos para desempenhar o que se espera daquele militar em uma situação hipotética (Durkheim, 2002), lapidando a sua atitude de acordo com as “normas” em vigor. Em consequência, os militares que prosseguem na carreira devem seguir estritamente o que está previsto nos planejamentos e diretrizes curriculares, moldando o seu interior, com vistas a externar as atitudes desejadas pelos seus superiores, sob pena de não serem promovidos na escala hierárquica ou até mesmo serem excluídos ou punidos sob a esfera disciplinar. Desse modo, os corpos dos alunos no processo de formação são guiados, no seu plano consciente e inconsciente, e isso pode ter impactos no restante da carreira. Assim, o ethos militar revela costumes, modalidades de participação, práticas sociais e privadas que compõem a natureza da vida do soldado. Implicados nessas práticas estão muitos dos objetivos e valores internos. Esses, por sua vez, servem claramente ao fim da disciplina militar, possuindo um efeito na vida de um soldado que transcende as exigências do seu ofício. Um militar leva para o mundo civil o retrato de si mesmo que ele ganhou no Exército. Esse retrato revela o externo dos militares, e está também imbuído de um ethos particular que se autojustifica. O ethos, portanto, presta-se ao respeito pelo poder estabelecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição militar pode ser visualizada como fenômeno de comunicação, uma vez que suas culturas são criadas, sustentadas e principalmente transmitidas, através de um processo de interação social, onde as atividades são baseadas na troca de mensagens, orais ou não, e na interpretação e no significado que cada membro dá a mensagem recebida. As ideias divulgadas e controladas em um ambiente quase fechado contribuem para uma peculiar transformação do jeito de ser, investido dos valores historicamente especificados. A contextualização da tríade filosófica abordada por Aristóteles, Logos - Pathos - Ethos, emula um ambiente próprio na edificação dos símbolos no interior da instituição militar, onde são destacados os atributos desejáveis à formação do futuro oficial da LEMB.

A condução dos corpos e as mudanças no ethos por meio das regras e normas militares são apoiadas por uma série de artefatos criados para incentivar e controlar o ímpeto dos jovens militares, amparados por um rígido sistema disciplinar dotado de recompensas e punições, sob o intermédio do controle instituído pela fronteira física e pelos comportamentos demonstrados ao longo de sua formação. Isto porque, à medida que as atitudes não esperadas são postas em evidência, um arcabouço de regulamentos e ordens oferece o amparo estatal para colocar em prática o processo de exclusão do discente.

Em virtude dos aspectos analisados, a concepção discursiva do ethos militar contribuiu para inserir as transformações dentro do próprio sistema. Isso, sem ter a noção que alguns deveres são novos, proporcionando o contexto da tradição, de que nem sempre fora corriqueiro, caracterizando brevemente mais uma invenção. Nos anos 1990, o Exército Brasileiro investiu tempo e recursos para adequar o oficial ao novo perfil desejável, onde algumas missões que não eram da responsabilidade exclusivamente militar, foram adicionadas. Assim, a boa imagem causada pela atitude desejável do cadete pode contribuir para a projeção positiva da instituição perante a opinião pública, reforçada pela disciplina acadêmica e pelas ações de comunicação social.

---

**Como citar este artigo:** SPEREIRA, Fabio da Silva. Uma abordagem do ethos militar: as diferentes visões sobre os valores castrenses.. **Rev. Silva**, Rio de Janeiro, 2019.3, n. 2, p. 126-141, jul.-dez. 2019.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. R. C. **O conceito de hegemonia**: de Gramsci a Laclau e Mouffe. In: Lua Nova. n. 80. São Paulo: CEDEC, 2010, p. 71 - 96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

AMOSSY, R. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2018.

AUCHLIN, A. **Ethos et expérience du discours: quelques remarques**. In: Wauthion, M; Simon AC. (éds). *Politesse et idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle*. Louvain: Peeters, 2001.

BRASIL. **Câmara dos Deputados. Lei nº 6880**, de 9 de dezembro de 1980. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/550/1/L6880.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). **Separata ao Boletim do Exército nº 49 - Regulamento Interno da AMAN (R-70)**. Brasília: SGEEx, 2014. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/sistemas/be/copiar.php?codarquivo=228&act=sep>. Acesso em: 18 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10)**. Brasília: SGEEx 2002a. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/documents/10138/6563889/Vade+M%C3%A9cum+Valores.pdf/f62fb2bb-b412-46fd-bda0-da5ad511c3f0>. Acesso em: 7 fev. 2019.

CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CASTRO, C. **O espírito militar. um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

CASTRO, C. **A invenção do Exército Brasileiro**. Petrópolis: Zahar, 2002.

CHANLAT, J. F. **O Indivíduo na Organização**: Dimensões Esquecidas. São Paulo: Atlas, v.2,1993.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEAL, T., KENNEDY, A. **Corporate culture**: The Rites and Rituals of Corporative Life, Massachussets: Adissom-Wesbey, 1982.

DECLERCQ, G. **L'art d'argumenter - structures rhétoriques et littéraires**. Paris: Editions Universitaires, 1992.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Ed. Artmed, 2002, 325p.

EGGS, E. **Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna**: In: AMOSSY, R (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org). 2. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FREITAS, M. E. **Cultura organizacional**: formação, tipologias e impactos. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1991.

GOFFMAN, E. **As características de instituições totais**. In: Etzioni, A. (Org.). *Organizações complexas*. São Paulo: Atlas, 1971.

HOFSTEDE, G. **Cultures and organizations: software of the mind - intercultural cooperation and its importance for survival**. New York: Mc Graw Hill, 2003.

KILLMANN, R. H. **Gaining Control of the Corporate Culture**. San Francisco: Jossey Bass, 1988.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. Tradução Ana Raquel Mota. In: Ethos Discursivo. São Paulo: Contexto, 2019.

PEREIRA, F. S. **O ambiente interagências nas Operações de Pacificação do Complexo da Maré**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, 2016.

SANTOS, E. A. **O Carisma do Comandante**: um estudo das relações pessoais dos militares do Exército Brasileiro sob o enfoque do poder simbólico, dos corpos dóceis e das instituições totais Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012.

SCHEIN, E. H. **Organizational culture and leadership**. San Francisco: Jossey Bass, 1991.

VIEIRA, G. **Uma grande evolução**. Revista do Exército Brasileiro. v.136, 1999, p.5-6.